

**O NORMAL E O PATOLÓGICO: PROBLEMATIZANDO COM ESTUDANTES  
DE GRADUAÇÃO EM PSICOLOGIA DE UMA INSTITUIÇÃO DE ENSINO  
SUPERIOR EM SAÚDE DO NORDESTE**

RAFAEL LUIZ NOGUEIRA GUIMARÃES

THÁLITA CAVALCANTI MENEZES DA SILVA

## **RESUMO**

**Introdução:** O presente estudo visou investigar e problematizar as noções de normal e patológico com estudantes de graduação em Psicologia de uma Instituição de Ensino superior em Saúde do Nordeste. O contexto de reforma psiquiátrica guia esta pesquisa.

**Objetivo:** Problematizar a compreensão dos estudantes de psicologia acerca dos conceitos de normal e patológico no campo da saúde mental. **Método:** Estudo qualitativo, de corte transversal, de inspiração cartográfica. Entrevista semiestruturada conduzida com 6 estudantes do curso de Psicologia cursando o 6º, o 7º e o 8º período da graduação. As entrevistas foram analisadas fundamentadas na análise do discurso e genealogia do sujeito foucaultiano. **Resultados e Discussão:** A partir da análise, observou-se que as perspectivas envolvendo o normal e patológico são múltiplas. Os estudantes se utilizam da psiquiatria, da psicanálise, da fenomenologia, da pedagogia, da instituição escolar, de reportagens, do cinema, entre outros, para se posicionarem diante de tais noções. Os mesmos apresentaram engajamento reflexivo em relação à temática, reconheceram a importância da discussão e afirmaram a necessidade de mais espaços de problematização. **Considerações Finais:** Problematizar estas concepções com os estudantes é um exercício profícuo e necessário para uma atuação ético-política e está em acordo com a ideia de Reforma Psiquiátrica como constante processo de reflexão e transformação cultural.

**Palavras-chave:** Saúde Mental. Foucault. Normal. Patológico.

## Introdução

A Organização Mundial de Saúde (OMS) afirma que uma em cada quatro pessoas sofre de algum transtorno mental (Pombo, 2017). Segundo relatório de 2017, estima-se que cerca de 300 milhões de pessoas sofram de depressão e 260 milhões de ansiedade no mundo. Esses números, ainda segundo a organização, tendem a crescer, principalmente em países de baixa renda (World Health Organization, 2017). Sendo assim, a grande quantidade de novos diagnósticos psiquiátricos na contemporaneidade, o crescimento desses diagnósticos, a permeabilidade com que diagnósticos penetram nos nossos cotidianos, a dificuldade de se estabelecer o limite entre o que é o normal e o que é o patológico, são questões que estão na ordem do dia para os profissionais da saúde (Campos, 2014; Caponi, 2009; Vasconcelos, 2004).

De acordo com as pesquisas do filósofo Michel Foucault (1926-1984) (Foucault, 2000, 2014a; Foucault & Barros da Motta, 2014), a concepção de uma sociedade a respeito de uma doença é a sua própria condição de existência. Sendo assim, a perda da função da loucura dentro da sociedade ocidental, foi a condição de possibilidade para, mais tarde, a mesma ser considerada uma doença mental. Com efeito, a doença mental, enquanto objeto do saber médico, data, no ocidente, do início do século XIX. Dessa forma, apesar de ter recebido tratamentos variados em diferentes contextos históricos, sendo relativamente bem acolhida no período do renascimento e excluída durante os séculos XVII e XVIII, a categoria de doença mental só veio existir no século XIX, tendo como marco a criação do asilo, a mítica libertação dos loucos por Pinel durante a revolução francesa, a psicologização da loucura, bem como o nascimento das ciências humanas (Foucault, 2000, 2014a; Foucault & Barros da Motta, 2014).

Ao romper com a história tradicional da psiquiatria, que entende a noção de doença mental como um fato descoberto de forma progressiva e simultânea à evolução científica, Foucault demonstra, assim, como as concepções atuais sobre a doença mental são relativas à contemporaneidade, dessa forma, transitórias e sujeitas aos próprios valores e práticas da época (Foucault, 2014a).

Com efeito, as pesquisas realizadas pelo autor, entre as décadas de 50 e 60, indicam que a Idade média percebia a loucura na ordem dos vícios morais. A renascença, por sua vez, na literatura, na filosofia e na arte, representava o sujeito considerado louco ora como aquele que traz à tona a fim dos tempos, ora como denúncia das fraquezas humanas, dos seus sonhos e ilusões. Em seguida, o período que vai do século XVII ao XVIII, chamado por Foucault de época clássica, identifica no louco o erro de julgamento, a falta do pensamento. O louco perde culturalmente a capacidade de comunicação com o além e é considerado o enganado. O seu lugar, a partir de então, será o hospital geral, instituição repressiva que ocupa o papel intermediário entre o poder policial e jurídico. Os hospitais gerais, desse momento, confinam pobres, loucos, doentes venéreos, homossexuais, ateus, os tidos como vagabundos, entre outros que eram considerados desatinados pela sociedade (Foucault, 2014a).

O final do século XVIII e início do século XIX será, para Foucault, o momento de transição da percepção dos confinados nos hospitais gerais como grupo homogêneo indissociável para um grupo que difere do louco. O louco, pelo rearranjo do espaço de confinamento adquire, aos poucos, um estatuto diferente dos outros internos, assim, em algum tempo, será o único legitimamente internado. É o momento da Revolução Francesa. E a delegação do médico Pinel, pelos revolucionários franceses, para cuidar dos asilos marcará, de uma vez por todas, a nova configuração, ainda em

vigor na contemporaneidade, do louco no ocidente. O louco, desde então, será o doente mental, objeto privilegiado da psiquiatria nascente e sujeito a punições e castigos oferecidos como tratamento moral nos asilos psiquiátricos do XIX (Foucault, 2014a).

Foucault e Canguilhem (1904-1995) demonstram que as práticas médicas do século XIX, em geral, são modificadas, também, pelo fortalecimento da biologia científica. Em consequência disso, as práticas são cada vez mais direcionadas para o corpo e para a obtenção de um estado de saúde orgânico normal. O normal, portanto, passa a guiar as relações médicas e isso não é diferente no que diz respeito à doença mental. Normal e patológico, esses se tornam os polos do tratamento médico psiquiátrico, que buscará, desde o século XIX, encontrar na anatomia, a doença e a saúde mental (Backes et al., 2009; Canguilhem, 2017; Foucault, 2014a, 2017c).

Dessa forma, o pensamento foucaultiano e suas obras fizeram parte de um momento de grande revolução no campo da psiquiatria (Sander, 2010). Mais especificamente, na década de 60 do século XX, vivenciou-se, no contexto dos movimentos de contracultura, a crítica mordaz e contundente da antipsiquiatria, movimento de grande amplitude no ocidente que questionou a própria existência das doenças mentais em conjunto com as práticas de internamento, as quais encontravam na violência o seu modo de operar (Correa, 2008; W. V. de Oliveira, 2011). Apesar de todas as críticas, a psiquiatria ainda espera encontrar as bases biológicas da doença mental para legitimar-se no registro biomédico (Caponi, 2012; Pereira, 2014).

Em congruência com as críticas dos movimentos de contracultura da década anterior, na década de 70, a medicalização da vida, e em especial da vida mental, entrou em questão. Destarte, questionar a medida certa entre o normal e o patológico, tal qual os limites de intervenção cotidiana da psiquiatria, mostraram-se, cada vez mais, problemas importantes a serem respondidos (Caponi, 2009; A. F. De Carvalho, 2012; S.

R. Carvalho, Rodrigues, Costa, & Andrade, 2015; Foucault, 2014b, 2017b; Gaudenzi, 2017; M. M. Silva, 2008). Uma vez que, os anseios estéticos, morais, econômicos e políticos da sociedade não legitimaram a medicalização sem levantar resistências sociais (Foucault & Barros da Motta, 2014; W. V. de Oliveira, 2011; Safatle, 2011; Santos, 2015).

Todo esse longo processo de críticas da medicalização no campo da saúde mental também afetou o saber e as práticas no Brasil, assim como os princípios para a formação e a atuação dos psicólogos (Ribeiro & Luzio, 2008; Vasconcelos, 2004). Dessa forma, a Psicologia, como parte desses saberes responsáveis por intervir nos cotidianos humanos (Rose, 2008), é cada vez mais instada a revisar a sua proposta positivista em vista de uma abordagem filosófica crítica que questione as dimensões conceituais-epistemológicas (Canguilhem, 2012; Czeresnia, 2010; Foucault, 2017a; Foucault & Barros da Motta, 2014; Galvão & Cruz, 2013; Gaudenzi, 2017; Holanda, 2001; Laurenti, 2012; W. F. De Oliveira, 2008; Silveira, 2018; Tardivo, Salles, & Filho, 2013) e as dimensões políticas envolvidas nos processos de controle e normatização dos indivíduos (Ribeiro & Luzio, 2008; Vasconcelos, 2004).

Pesquisas apontam que, na formação, os estudantes de psicologia podem apresentar diversas perspectivas em relação ao transtorno mental, denominação essa utilizada pela legislação brasileira e considerada mais atual do que doença mental (Amarante, 2017), entre essas visões estão as que o transtorno mental indica problemas de ajustamento à sociedade, que é de base orgânica, que tem raízes culturais e/ou que se insere na dinâmica tratamento médico e cura (Gil & Tardivo, 2007). Outra pesquisa demonstrou que as principais visões sobre a etiologia do transtorno mental, por parte de alunos de psicologia, foi a de que ele, o transtorno mental, tem origem em fatores psíquicos traumáticos e no mal-estar psicológico, em fatores ambientais e em fatores

genéticos e orgânicos, entre outras respostas (Caeran, Salvagni, Wiles, & Dias, 2010). Ambas as pesquisas, elucidam, assim, a grande variedade de concepções e a dificuldade de estabelecer uma delimitação sobre o que é o transtorno mental e a sua etiologia.

Este estudo, portanto, tendo em vista a grande propagação supracitada de diagnósticos, a história social da loucura no ocidente, juntamente com as críticas à medicalização e as constantes reformulações dos diagnósticos psiquiátricos, visa problematizar a compreensão dos estudantes de psicologia acerca dos conceitos de normal e patológico no campo da saúde mental. Problematizar, na perspectiva foucaultiana, não significa buscar uma solução ou uma resposta correta final, mas, sobretudo, estabelecer um distanciamento reflexivo quanto a um determinado problema e às respostas dadas ao mesmo (Revel, 2011). Seguimos a trilha dos outros estudos que investigaram as concepções de alunos de psicologia acerca de conceitos que envolvem a saúde mental (Caeran et al., 2010; Gil & Tardivo, 2007; Tardivo et al., 2013), a fim de explorar, assim, a congruência com a mudança paradigmática do enfoque do modelo biomédico para perspectivas ampliadas decorrentes do movimento de reforma psiquiátrica e da atenção psicossocial (Barros, 2002; Pombo, 2017; Ribeiro & Luzio, 2008).

### **Metodologia**

Estudo de natureza qualitativa, corte transversal, com amostra intencional por conveniência. Foram entrevistados seis estudantes do curso de psicologia de uma instituição de ensino superior do Nordeste, dois deles cursando o sexto, dois cursando o sétimo e dois cursando o oitavo períodos. Entre eles estavam dois homens e quatro mulheres. Os estudantes foram entrevistados individualmente através de entrevista

semiestruturada, a qual continha três perguntas. A primeira pergunta da entrevista foi: “O que você entende por normal e patológico no campo da saúde mental?”. A segunda, “Como estudante e como futuro profissional de psicologia como você considera que deve se posicionar diante dessas noções?”. Por último: “Como isso tem sido trabalhado ao longo do curso de psicologia?”.

O caminho metodológico do presente estudo é de inspiração cartográfica, o qual compreende o objeto de estudo enquanto objeto-*processo* e objeto-*problema*. Isso significa dizer que a realidade pesquisada não é uma entidade fixa, pré-existente; mas, *processual* e construída a partir das tramas dos múltiplos discursos sociais (Passos, Kastrup, & da Escóssia, 2014; Passos, Kastrup, & Tedesco, 2016). A entrevista inspirada em diretrizes cartográficas, bem como o método de análise do discurso, faz parte do trajeto da pesquisa. Se a utilização da entrevista cartográfica foi uma opção, é porque partimos da noção de que a entrevista, como supracitado, diferentemente de uma pura e simples coleta de dados, é produção de dados (Paulon & Romagnoli, 2014).

Dessa forma, o manejo cartográfico das entrevistas não visa a coleta de dados fixos, mas sim o encontro entre dois sujeitos que conjuntamente coengendram a narrativa produzida a partir das questões que norteiam a fala. Em consonância com a noção de acontecimentalização para Foucault, a entrevista a partir de diretrizes cartográficas, possibilita problematizar saberes, posturas e posicionamentos, e produzir novas formas de subjetivação, uma vez que, a própria entrevista é um processo de criação em curso (Silva & Amazonas, 2016).

O intuito da entrevista, portanto, é ser uma conversa que multiplique as questões pela via da problematização. Não coletamos informações nem buscamos proporcionar conclusões últimas. Produzimos, ou buscamos produzir, em conjunto os vetores de saída; ou seja, novas produções em termos de posturas e posicionamentos (Helena et al.,



2013; Paulon & Romagnoli, 2014). Neste sentido, ambos, entrevistador e entrevistado, reveem suas posições e perspectivas simultaneamente e trabalham em uma construção coletiva de novas formas de subjetivação de marcação ético-política.

Portanto, diferentemente da epistemologia que se propõe a investigar a validade de tal e tal discurso científico, a análise do discurso, de base foucaultiana, visa-o em sua relação com outros discursos, mesmo que advindos de campos de saber-poder distintos. Não questionamos a validade científica dos atos de fala, mas as posições de sujeito que são possíveis e legitimadas, bem como a relação entre os saberes, sua relação com o poder e com as formas de subjetivação associadas ao eixo saber-poder. (Araújo, 2007)

Partindo dos objetivos do estudo, três eixos principais nortearam a análise, a saber: 1. As noções dos estudantes a respeito do normal e do patológico; 2. As compreensões dos estudantes a respeito do normal e do patológico; e 3. As posturas e posicionamentos dos estudantes acerca dessa mesma temática.

Em um primeiro momento foi feita a leitura de todas as entrevistas sem um foco exato, uma vez que os três eixos norteadores não se constituem decisivamente como critérios rígidos de análise. Sendo assim, em última instância, a análise foi guiada por pontos que reluziram na leitura das entrevistas, pontos que chamaram a atenção pela grande ocorrência, pelas contradições que carregam, pela intensidade mobilizadora, em suma, pela capacidade de afecção (Rolnik, 2006).

Em virtude da leitura das entrevistas e da procura de pontos que saltassem aos olhos, a última questão da entrevista, a saber, “Como isso tem sido trabalhado ao longo do seu curso de psicologia? ”, se mostrou como de profunda relevância, posto que pareceu condensar, de certa forma, as posturas e posicionamentos dos estudantes diante das noções de normal e patológico e diante de seus processos formativos.

As entrevistas a seguir contam com nomes fictícios. As mesmas aconteceram na própria instituição em salas reservadas para os encontros. Assim, em um primeiro momento, foi explicado para os estudantes que a entrevista se fundamentava na problematização e que, por isso, não havia nenhum tipo de avaliação em relação às falas. Não haveria, nesse contexto, acertos ou erros. Isto posto, os estudantes pareciam adquirir uma postura de maior segurança diante da entrevista que estava por vir.

### **Resultados e Discussão**

O entrevistado, Arnaldo, 21 anos, do 6º período de psicologia, começou a entrevista manifestando uma atitude disponível para a troca. Posicionamento este que, de antemão, demonstrou a possibilidade de discussões importantes sobre o assunto. Inicialmente, apresenta a ideia de que o normal e patológico não são opostos, mas que possuem relação com o desequilíbrio e equilíbrio. A noção de equilíbrio, para Caponi (1997), é uma das formas mais antigas de conceptualização de saúde. Em seguida, Arnaldo associa à noção de normal uma avaliação métrica a qual a normalidade estaria ligada à média geral da população. Aqui pode-se perceber um pensamento de base quantitativa para organizar o normal e patológico. Base quantitativa esta que, para Canguilhem (2017), está sempre associada a uma avaliação qualitativa. Ou seja, definir algo como normal ou como patológico significa atribuir valor qualitativo a determinado fato quantitativo.

A psicanálise surge, também, na fala do participante, como um domínio em que o discurso se dá, uma vez que é apresentado como um dos referenciais para pensar o normal em associação ao patológico, localizando na neurose a normalidade. Há uma grande marca do sujeito da psicanálise na relação dos atos de fala dos entrevistados, o

que será demarcado em algumas das entrevistas que seguem. Historicamente, a psicanálise, segundo alguns autores, entra em cena como um saber contra hegemônico (W. F. De Oliveira, 2008). Para Michel Foucault, em escrito de 1975, a mesma se encaixa como uma forma de despsiquiatrização que golpeia a forma asilar do saber psiquiátrico, para, no entanto, manter o poder médico em outro espaço, como produtor de verdade, fundamentalmente, como forma de poder (Foucault, 2017a).

Arnaldo, durante a entrevista, reflete que o seu posicionamento, enquanto estudante e futuro profissional de psicologia, deve ser o de promover a noção de bem-estar em detrimento das noções de normal e do patológico. Esta compreensão demonstra estar relacionada aos saberes produzidos por uma psicopatologia crítica, a qual se propõe a enfatizar a importância do bem-estar humano em detrimento de um posicionamento supostamente neutro por parte dos profissionais psi (Moreira, 2002). O estudante ainda refere que a psicologia prescindia dessas noções e que precisa de uma visão ampliada que relacione o corpo, a mente, o social e o espiritual ao universo.

Quando questionado a respeito de como o normal e o patológico tem sido trabalhado ao longo do curso psicologia, responde que na faculdade “(...) a questão da patologia se faz mais presente (...)” do que nas suas “reflexões pessoais”. Em seguida, para esclarecer, Arnaldo retoma a história da psicologia e afirma que ela surge associada à ideia de funcionalidade.

O entrevistado, nessa resposta, considera que a psicologia em sua história está associada à adequação e à funcionalidade, sendo assim, o ensino da psicologia também o está. No rastro dessa resposta, segundo Filho & Trisotto (2007), a psicologia carrega em sua história o objetivo de lidar com o ajustamento dos indivíduos, encerrando em sua verdade práticas mais ou menos sutis de poder. Para Michel Foucault (2014b), a psicologia tem início com um conjunto de teorias e práticas disciplinares que se

expandiram nos séculos XVII e XVIII, as quais têm como objetivo principal a formação de corpos dóceis e úteis.

Já aqui pode-se perceber que os conceitos de normalidade e patologia por um lado não são unívocos nem, tampouco, sistemáticos. Encontramos, na entrevista de Arnaldo e nas seguintes, diversos campos de saber-poder apresentados como referências para a discussão. Em última instância, a discussão a respeito do normal e do patológico mostra-se como lugar de constante idas e vindas, lutas pelos sentidos (Fischer, 2001).

Na entrevista seguinte, Bernardo, 20 anos, do 7º período de psicologia, se apresenta de maneira mais silenciosa e pensativa. Já de início, apresenta seu posicionamento referindo “não compactuo muito com essa ideia de patologia”. Posicionamento este que pode, de alguma forma, se associar a experiência da antipsiquiatria que, em partes, defende a inexistência da doença mental (W. V. de Oliveira, 2011). A fala do entrevistado demonstra, também, a constante contenda em relação aos sentidos do discurso. Isto é, não existem sentidos fixamente associados ao discurso, mas, apenas, relações de força que determinam o que pode ser dito sobre determinado objeto em determinado contexto histórico. Mais precisamente, o discurso em si, para Foucault, forma tal objeto (Fischer, 2001).

Bernardo, durante a entrevista, discorre que o normal e o patológico nascem de uma convenção. Para ele, as normas sociais os determinam. Sendo assim, o patológico seria o que foge da norma. O entrevistado ainda, associa essas noções à possibilidade de enquadramento e predição de determinados comportamentos. A predição, portanto, facilitaria a atuação sobre o predito, sobre aquele que é enquadrado em determinado quadro. Tal perspectiva entra em consonância com a ideia de norma como controle de indivíduos. Isto é, como princípio ao qual os corpos devem se submeter para se conformar. (Araújo, 2007; Foucault, 2014b, 2017a).

Como postura e posicionamento, o mesmo refere intenção de trabalhar “na clínica”, assim, considera importante suspender as suas noções prévias de normal e patológico, afirmando: “suspender é realmente tentar tirar essas minhas ideias prévias para tentar enxergar o outro”. Explica ser importante que seu futuro cliente perceba sua forma de ser no mundo, demonstrando uma marcação fenomenológica nesse discurso. A ideia de suspensão, ou, simplesmente, redução fenomenológica, está associada ao pensamento de Edmund Husserl (1859- 1938), pai da fenomenologia. O pensamento de Husserl, na história da reforma psiquiátrica, foi utilizado por um de seus principais teóricos, Franco Basaglia (1924- 1980), no intuito de proporcionar o encontro com o sujeito e não com a sua doença, a partir do colocar a doença entre parêntesis. Por conseguinte, pode-se perceber, neste discurso, a consonância com a mudança paradigmática da reforma psiquiátrica. A qual prevê, além de outras mudanças assistenciais e culturais, a crítica epistemológica dos saberes sobre o sofrimento psíquico (Amarante, 2017).

O entrevistado fala, ainda, da responsabilização, ou desresponsabilização, por parte do diagnosticado, associada à vivência do seu diagnóstico, o que indicia uma postura relativamente jurídica nesse posicionamento, posto que coloca o diagnóstico psiquiátrico como marcador de desresponsabilização. A discussão a respeito da responsabilidade relacionada ao diagnóstico remete ao debate que existe entre autores que relacionam, por um lado, a vivência do diagnóstico a uma responsabilização exacerbada do indivíduo ou, por outro lado, a uma desresponsabilização aliada à noção de adoecimento biológico (Gaudenzi & Ortega, 2012; Ortega, 2008).

Aqui podemos perceber os entrelaçamentos de vários discursos. Seguindo Foucault, diremos que os discursos não podem ser delimitados fixamente, muito menos separados de outros discursos (Foucault, 2016). O intercâmbio entre diversos discursos

é o que o define (Fischer, 2001). Não existem, pois, disciplinas fechadas quando tratamos de saberes que se coengendram. Se falamos de uma visão fenomenológica, nem por isso a separamos totalmente de uma perspectiva jurídica ou médica.

Quando questionado sobre como isso tem sido trabalhado ao longo do curso de psicologia, Bernardo relata que, na sua instituição de ensino, percebe “um espaço um tanto quanto aberto para debate e isso é rico”. Ademais, considera a sua formação trabalhando “muito numa visão integrativa”. Ao mesmo tempo, o estudante relata “ainda é muito enquadrador”, mas valoriza os momentos de debates vivenciados na formação, aos quais dá o nome de “exercício da subjetividade”. A ideia de “enquadramentos” citada por Bernardo, pode ser encontrada sob outros termos em *Vigiar e Punir*, no qual Foucault discute as diversas formas de classificação e normalização dos sujeitos nas sociedades disciplinares. Com efeito, os quadramentos, para o autor, estão a serviço da formação de corpos exercitados, eficientes e produtivos (Foucault, 2014b).

A terceira entrevistada, Cristina, 22 anos, do 7º período de psicologia, refere que falará a respeito de uma concepção pessoal dela sobre o normal e o patológico. Cristina declara perceber que “não é um conceito definido”, adicionando “porém, eu tenho uma perspectiva acerca do que seja normal e patológico, uma perspectiva minha mesmo(...)”. Essa noção de que o tema pode ser debatido como uma perspectiva pessoal é algo que é confirmado pela mesma ao longo da entrevista e, é mister ressaltar, aparece mais de uma vez nos discursos dos entrevistados.

Durante a entrevista, Cristina relata que sente certa dificuldade em fazer uma reflexão sobre o tema. Utiliza, como forma de exemplificar, para pensar a questão, sua experiência com gestantes e fala das expectativas sociais em relação às mesmas. Para a estudante, a mãe que vivencia a gestação de maneira feliz é considerada normal pela

sociedade. Em suas teorizações sobre o poder e o controle da natalidade das populações, Foucault discute a amplitude do poder médico que incide sobre a família a partir do século XVIII. Para o autor, a família, especialmente nas condutas de procriação, se torna centro de um poder que visa o aumento da população e a docilização desta população (Foucault, 2017a, 2017b). Sendo assim, observa-se na fala de Cristina, o controle dos afetos maternos associados ao controle da natalidade populacional.

Além disso, a estudante, também, faz a analogia com a criança diagnosticada com o Transtorno de Déficit de Atenção e Hiperatividade (TDAH) para discutir o tema. A situação da criança diagnosticada com TDAH aparece em outra entrevista a seguir. Ferreira (2015), ao discutir a medicalização infantil, a exemplifica, em especial, no diagnóstico de TDAH. Dessa maneira, tal exemplo torna explícito o coengendramento do discurso psiquiátrico, pedagógico, psicológico. Para Michel Foucault, a escola é uma instituição disciplinar que funciona a partir de uma série de micropenalidades, reprimindo, dentre outras condutas, a desatenção e a negligência. Dessa forma, o diagnóstico de TDAH leva em consideração a performance da atenção da criança e a diferencia da norma. Hierarquiza-se, assim, a criança em termos de capacidade e busca-se a sua conformação ao corpo social, a fim de tornar útil as suas particularidades (Foucault, 2014b).

Sobre o seu posicionamento diante das noções, Cristina adiciona que é importante “respeitar a verdade do outro”, sem, no entanto, acreditar em neutralidade ideal por parte do profissional. Noção de neutralidade esta duramente criticada em outros estudos que questionam os ideais de ciência neutra ideologicamente associados à psicologia na sua história (Czeresnia, 2010; Galvão & Cruz, 2013; W. V. de Oliveira, 2011; Silveira, 2018).

Quando questionada como a normalidade e a patologia vêm sendo trabalhados ao longo do curso de psicologia, responde: “nunca vi muita clareza”, refletindo, em seguida, se isso se deveu à sua não inserção em espaços de estudo destinados a tal finalidade. Cristina relata que “nunca foi uma discussão clara” e acrescenta “não foi uma discussão colocada, principalmente, pelo âmbito acadêmico”. Aqui, a mesma reflete sobre a importância do debate da temática afirmando “(...)eu acredito que a gente realmente tem que ter pensamento crítico(...)”, mas afirma “(...) não vejo muito isso ser discutido não”.

A entrevistada, Dulce, 21 anos, do 8º período de psicologia, começa a entrevista separando, como foi feito na entrevista anterior, a sua concepção “pessoal”: “tem o que a gente entende no pessoal da gente” e o que se entende em relação a “estudo”: “tem o que a gente entende em relação a tanto estudo(...) porque eu to fazendo psicologia”.

Dulce trata dos conceitos de normal e patológico como estigmatizantes sobre os quais refere “nunca me pareceu uma coisa boa”. Em seguida, comenta reportagens feitas sobre o Ulisses Pernambucano e o “manicômio de Barbacena” para falar de sociedade e dos desviantes da sociedade. É interessante ressaltar, como aparece aqui, o enunciado de materialidade midiática para embasar a discussão, o que está em total consonância com a ideia de que as práticas discursivas e não discursivas, ou seja práticas constitutivas da realidade, podem ter diferentes materialidades, ora como um texto técnico contido em um livro ora como documentos jornalísticos (Fischer, 2001).

A entrevistada afirma que deve se posicionar contra o estigma relacionado ao diagnóstico psiquiátrico. Utiliza, como na entrevista anterior, para elucidar sua visão, o exemplo da criança que recebe o diagnóstico de TDAH e faz um contraponto entre desvio e diagnóstico. Destarte, a instituição escolar surge novamente como forma de exemplificar a normalidade e a patologia. A pedagogia, pois, aparece como domínio de



formação de enunciados, bem como o seu entrelaçamento com a psiquiatria e a psicologia. Ao mesmo tempo tal formação discursiva é lugar de conflito e disputa de variadas posições de sujeito e de sentidos (Fischer, 2001). Assim, como citado anteriormente, Michel Foucault considera que, nas sociedades disciplinares, a própria classificação do indivíduo está a serviço de sua normalização (Foucault, 2014b). Isto é, no caso da criança com o diagnóstico de TDAH, diferenciar, qualificar e homogeneizar.

Durante o diálogo, Dulce utiliza o termo “vida normal” e corrige a si mesma “não normal, funcional”. Fica evidente, aqui, como a problematização pode, sobretudo durante a entrevista, estimular o pensar sobre o que somos, repensar o uso da linguagem e perceber a marcação política contida na mesma (Revel, 2011).

Quando questionada como os conceitos de normal e de patológico vêm sendo trabalhados ao longo do curso de psicologia, responde que “cada tutor trabalha de uma forma essa questão”. Assim, para Dulce, enquanto alguns profissionais focam nos diagnósticos, outros olham “primeiro a pessoa e depois o diagnóstico”. Outrossim, ela considera “que isso é muito dialogado” ao longo do curso e que, apesar de variar “muito de cada tutor”, “fazem muito a gente pensar sobre isso, com certeza”.

A entrevistada, Eloá, 21 anos, do 6º período de psicologia, apresenta certa ansiedade na entrevista. Inicialmente expressa que o normal é “aquilo que todos nós carregamos” e continua: “acho que todo mundo passa por problemas, desconfortos, em relação ao emocional, afetividade(...) se torna patológico, quando (...) vai lhe causar algum prejuízo em alguma determinada área da sua vida”. Normal aqui aparece como o que é comum a todas as pessoas e o patológico se relaciona a prejuízos em alguma esfera da vida.

Reconhece, logo, o normal e patológico como uma questão que não consegue delimitar. Trata da necessidade de conscientizar as pessoas sobre as diferenças entre normal e patológico sem, no entanto, estigmatizar. Estigma este que, segundo Tardivo et al. (2013), faz parte da vivência da pessoa que recebe o título de doente mental. A mesma entrevistada afirma acreditar ser possível estabelecer uma delimitação entre o normal e patológico, mas não consegue precisar este limite.

Quando questionada como os conceitos de normal e de patológico vêm sendo trabalhados ao longo do curso psicologia, responde que “nem tá sendo trabalhado, né? (...) tá sendo uma exigência de nós, estudantes”. Além disso, a estudante adiciona que amigos estudantes de outras instituições de ensino “também não veem” os conceitos. Isto posto, Eloá reflete “acho que é uma carência mesmo, até dos próprios profissionais já formados em psicologia”. Nesta fala, Eloá relata perceber que os estudantes de psicologia, em geral, têm desejo de aprofundamento em relação à problemática do normal e do patológico, considerando, ao mesmo tempo, ser esta uma falta por parte dos profissionais.

A entrevistada, Fernanda, 22 anos, estudante do 8º período, a qual apresenta atitude descontraída e animada para a entrevista, expressa inicialmente que vem, no seu âmbito pessoal, refletindo sobre questões envolvendo a noção de normalidade e patologia. Durante a entrevista, discorre sobre cena de um filme contendo uma crítica social envolvendo a loucura. Pode-se perceber, aí, que a indústria do entretenimento e, especificamente, o cinema, criam e fornecem materialmente imagens do objeto em questão. Os discursos da mídia, independentemente da sua materialidade, formam parte dos discursos disponíveis a respeito do normal e patológico. Assim, produzem subjetividades e por elas são produzidos (Fischer, 2001).

Durante a conversa, a estudante também aponta que não existe o normal e o patológico. Para ela são apenas formas de estar no mundo. Ainda, no diálogo, a estudante afirma que é uma escolha usar os termos normal e patológico. Este posicionamento, especificamente, parece entrar em concordância com a concepção da utilização pragmática dos discursos. (Helena et al., 2013). Uma vez que, nesta fala, o discurso parece ser refletido como uma ferramenta de uso pragmático para lidar com a realidade.

A entrevistada Fernanda reflete que o seu posicionamento, como estudante e futura profissional diante das noções de normalidade e patologia, deve ser o de “ouvir para além da patologia”, uma vez que “dessa forma, a gente dá mais possibilidades da pessoa se expressar”. Em seguida, a estudante explica: “a gente conversa lá no estágio, a teoria está aí pra nos servir, mas a gente não tem que se prender a ela” e finaliza afirmando que é necessário “deixar livre para que a pessoa traga a visão dela daquilo, do que ela tá vivendo”.

Quando questionada como os conceitos de normal e de patológico vêm sendo trabalhados ao longo do curso psicologia, responde que “na faculdade, eu percebo que a gente acaba entrando em algumas caixinhas (...) e eu não acho isso muito interessante”. Ademais, reflete que a experiência do estágio tem sido importante, pois o espaço tem oportunizado a possibilidade de “desconstruir essas questões todas”. Fernanda acrescenta que na faculdade “eles querem sair disso, mas acabam colocando a gente nisso”.

A fala da estudante evidencia um posicionamento crítico em relação à sua formação, complementando que a prática do estágio tem lhe ajudado a desconstruir tais concepções de normalidade e patologia. Segundo Tardivo, outras pesquisas demonstram as desconstruções conceituais dos estudantes durante a vivência do estágio. Para a

autora, uma maior proximidade com o humano na prática permite o repensar do “processo de saúde-doença mental” (Tardivo et al., 2013).

### **Considerações finais**

Tendo em vista as entrevistas supramencionadas, pode-se dizer que os estudantes fazem uso de variados discursos, a saber, da psiquiatria, da psicanálise, da fenomenologia, da pedagogia, da instituição escolar, de reportagens da mídia, do cinema, entre outros, para se posicionarem diante das noções de normal e patológico. Os mesmos apresentam engajamento reflexivo em relação à temática, reconhecem a importância da discussão e afirmam a necessidade de mais espaços de problematização. Observa-se ainda inquietações por parte dos estudantes acerca dos seus próprios processos formativos.

As entrevistas apresentadas e analisadas podem explicitar as múltiplas concepções que envolvem o normal e o patológico bem como os diversos posicionamentos possíveis por parte dos estudantes. Percebe-se, no decorrer das entrevistas, que é possível ao entrevistado colocar-se como um sujeito que questiona a validade das concepções; que as reconhece, embora perceba pontos negativos, como o estigma; ou que as coloca como um tipo escolha de atuação para o profissional. Estes posicionamentos, tendo em vista o que dissemos a pouco, não são excludentes entre si, uma vez que, os indivíduos ocupam diversas posições de sujeitos nos atos enunciativos.

Além disso, foi possível constatar que os estudantes reconhecem a importância da discussão e engajam-se motivadamente na problematização. No limite, alguns dos estudantes afirmam a necessidade de mais problematizações desse tipo durante a

formação. Não há, no entanto, univocidade nas respostas sobre como os conceitos têm sido trabalhados ao longo do curso.

Dito isto, ficou claro que pensar normal e patológico em psicologia é estabelecer relações entre inúmeros discursos provenientes de diferentes sistemas de formação discursiva. A psicologia não é, portanto, fechada. Os saberes são múltiplos, dialogam e se coengendram. O campo do normal e patológico se mostra como um campo em conflito. O debate, como apresentado foi, continua aberto. Dessa forma, as problematizações são ricas quando dizem respeito a esse tema. Com efeito, evidenciou-se que problematizar estas concepções com os estudantes é um exercício profícuo e necessário para uma atuação ético-política que está em acordo com a ideia de Reforma Psiquiátrica como constante processo de reflexão e transformação cultural.

Esta pesquisa sugere novos estudos a fim de se investigar as matrizes curriculares do curso de psicologia. Outrossim, a pesquisa indica, sobretudo, a imprescindibilidade de maior produção teórica envolvendo as concepções de normalidade e patologia, uma vez que, apenas o questionamento do paradigma científico positivista envolvendo a psicologia, e dos objetos produzidos neste paradigma, poderá tornar visível a marcação ético-política que a subjaz. É necessário, pois, construir novas formas de pensar e praticar a psicologia.

## Referências

- Amarante, P. (2017). *Saúde Mental e Atenção Psicossocial* (4th ed.). Rio de Janeiro: Editora Fiocruz.
- Araújo, I. L. (2007). Formação discursiva como conceito chave para a arqueogenealogia de Foucault. *Revista Aulas, Dossiê Fou*(3), 1–24.
- Backes, M. T. S., Da Rosa, L. M., Fernandes, G. C. M., Becker, S. G., Meirelles, B. H. S., & Dos Santos, S. M. D. A. (2009). Conceitos de saúde e doença ao longo da história sob o olhar epidemiológico e antropológico. *Rev. Enferm. UERJ*, 17(1), 111–117.
- Barros, J. A. C. (2002). Pensando o processo saúde doença: a que responde o modelo biomédico? *Saúde e Sociedade*, 11(1), 67–84. <https://doi.org/10.1590/S0104-12902002000100008>
- Caeran, J., Salvagni, A., Wiles, J. M., & Dias, A. C. G. (2010). Concepções de estudantes de psicologia sobre saúde, saúde mental, inter e transdisciplinaridade. *Anais Do XIV Simpósio de Ensino, Pesquisa e Extensão*, 1–10.
- Campos, M. E. F. G. (2014). Norma versus Subjetividade: o legado de Canguilhem. *Revista SEPHallus de Orientação Lacaniana*, 9(18), 61–71.
- Canguilhem, G. (2012). *Estudos de história e de filosofia das ciências: concernentes aos vivos e à vida*. Rio de Janeiro: Forense Universitária.
- Canguilhem, G. (2017). *O normal e o patológico* (7th ed.). Rio de Janeiro: Forense Universitária.
- Caponi, S. (1997). Georges Canguilhem y el estatuto epistemológico del concepto de salud. *História, Ciências, Saúde-Manguinhos*, 4(2), 287–307.

<https://doi.org/10.1590/S0104-59701997000200006>

Caponi, S. (2009). Biopolítica e medicalização dos anormais. *Physis*, 19(2), 529–549.

<https://doi.org/10.1590/S1414-32832006000200006>

Caponi, S. (2012). *Loucos e Degenerados: uma genealogia da psiquiatria ampliada* (1st ed.). Rio de Janeiro: Editora FIOCRUZ.

Carvalho, A. F. De. (2012). Foucault e a potência normativa do saber no campo da educação. *ETD - Educação Temática Digital*, 14(1), 121–140.

Carvalho, S. R., Rodrigues, C. D. O., Costa, F. D. D., & Andrade, H. S. (2015).

Medicalização: Uma crítica (im)pertinente? *Physis*, 25(4), 1251–1269.

<https://doi.org/10.1590/S0103-73312015000400011>

Correa, C. R. G. L. (2008). Suicide in anti-psychiatry and in psychoanalysis . *Revista Latinoamericana de Psicopatologia Fundamental*, 11(3), 392–404.

<https://doi.org/10.1590/S1415-47142008000300004>

Czeresnia, D. (2010). Canguilhem e o caráter filosófico das ciências da vida. *Physis Revista de Saúde Coletiva*, 20(3), 709–727.

Ferreira, R. R. (2015). A medicalização nas relações saber-poder: Um olhar acerca da infância medicalizada. *Psicologia Em Estudo*, 20(4), 587–598.

<https://doi.org/10.4025/psicoestud.v20i4.28669>

Filho, K. P., & Trisotto, S. (2007). A Psicologia como disciplina da norma nos

Psychology as discipline of the norm in the writings of M . Foucault. *Revista Aulas*, 1–14.

Fischer, R. M. B. (2001). Foucault e a análise do discurso em educação. *Cadernos de Pesquisa*, (114), 197–223. <https://doi.org/10.1590/S0100-15742001000300009>

- Foucault, M. (2000). *Doença mental e psicologia* (6th ed.). Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro.
- Foucault, M. (2014a). *História da loucura: na idade clássica* (10th ed.). São Paulo: Perspectiva.
- Foucault, M. (2014b). *Vigiar e punir: nascimento da prisão* (42nd ed.). Rio de Janeiro: Vozes.
- Foucault, M. (2016). *A arqueologia do Saber* (8th ed.). Rio de Janeiro: Forense Universitária.
- Foucault, M. (2017a). *A microfísica do poder* (5th ed.). Rio de Janeiro: Paz e Terra.
- Foucault, M. (2017b). *História da sexualidade I: A vontade de saber* (5th ed.). São Paulo: Paz e Terra.
- Foucault, M. (2017c). *O nascimento da clínica* (7th ed.). Rio de Janeiro: Forense Universitária.
- Foucault, M., & Barros da Motta, M. (2014). *Problematização do sujeito: psicologia, psiquiatria e psicanálise* (3rd ed.). Rio de Janeiro: Forense Universitária.
- Galvão, M., & Cruz, A. (2013). A defesa de uma atitude filosófica na psicologia: breve reflexão sobre a prática psi e o processo de medicalização. *Filogênese*, 6(1), 78–92.
- Gaudenzi, P. (2017). Mutações biopolíticas e discursos sobre o normal: Atualizações foucaultianas na era biotecnológica. *Interface: Communication, Health, Education*, 21(60), 99–110. <https://doi.org/10.1590/1807-57622015.0870>
- Gaudenzi, P., & Ortega, F. (2012). O estatuto da medicalização e as interpretações de ivan illich e michel foucault como ferramentas conceituais para o estudo da



desmedicalização. *Interface: Communication, Health, Education*, Vol. 16, pp. 21–34. <https://doi.org/10.1590/S1414-32832012005000020>

Gil, C. A., & Tardivo, L. C. (2007). *Concepção de doença mental em estudantes de graduação em Psicologia: um estudo compreensivo por meio de desenhos temáticos*. *15(2)*, 114–120.

Helena, S., Christian, T. I. H., Li, S., Luciana, H. H., Caliman, V., & Hhh, I. I. I. (2013). *A entrevista na pesquisa cartográfica: a experiência do dizer*.

Holanda, A. (2001). Psicopatologia, exotismo e diversidade: ensaio de antropologia da psicopatologia. *Psicologia Em Estudo*, *6(2)*, 29–38.

Laurenti, C. (2012). Trabalho conceitual em psicologia: pesquisa ou “perfumaria”? [editorial]. *Psicologia Em Estudo*, *17(2)*, 179–181. <https://doi.org/10.1590/S1413-73722012000200001>

Moreira, V. (2002). *Psicopatologia crítica. Conferencia proferida na semana de psicologia da Universidade Federal do Ceará*. 1–9.

Oliveira, W. F. De. (2008). Algumas reflexões sobre as bases conceituais da Saúde Mental e a formação do profissional de Saúde Mental. *Saúde Em Debate*, *32*, 38–48.

Oliveira, W. V. de. (2011). A fabricação da loucura: contracultura e antipsiquiatria. *História, Ciências, Saúde-Manguinhos*, *18(1)*, 141–154. <https://doi.org/10.1590/S0104-59702011000100009>

Ortega, F. (2008). O sujeito cerebral e o movimento da neurodiversidade. *Mana*, *14(2)*, 477–509. <https://doi.org/10.1590/S0104-93132008000200008>

Passos, E., Kastrup, V., & da Escóssia, L. (2014). *Pistas do método da cartografia*:

*pesquisa-intervenção e produção de subjetividade*. Porto Alegre: Sulina.

Passos, E., Kastrup, V., & Tedesco, S. (2016). *Pistas do Método da Cartografia Volume 2: a experiência da pesquisa e o plano comum*. Porto Alegre: Sulina.

Paulon, S. M., & Romagnoli, R. C. (2014). Pesquisa-intervenção e cartografia: melindres e meandros metodológicos. *Estudos e Pesquisas Em Psicologia*, 10(1). <https://doi.org/10.12957/epp.2010.9019>

Pereira, M. E. C. (2014). A crise da psiquiatria centrada no diagnóstico e o futuro da clínica psiquiátrica: Psicopatologia, antropologia médica e o sujeito da psicanálise. *Physis*, 24(4), 1035–1052. <https://doi.org/10.1590/S0103-73312014000400004>

Pombo, M. F. (2017). Medicalização do sofrimento na cultura terapêutica: vulnerabilidade e normalidade inalcançável. *Reciis – Rev Eletron Comun Inf Inov Saúde.*, 11(1), 1–14.

Revel, J. (2011). *Dicionário Foucault*. Rio de Janeiro: Forense Universitária.

Ribeiro, S. L., & Luzio, C. A. (2008). As diretrizes curriculares e a formação do psicólogo para a saúde mental. *Psicologia Em Revista*, 14(2), 203–220. Retrieved from [http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S1677-11682008000200013](http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1677-11682008000200013)

Rolnik, S. (2006). *Cartografia Sentimental*. Porto Alegre: Editora da UFRGS.

Rose, N. (2008). Psicologia como uma ciência social. *Psicologia & Sociedade*, 20(202), 155–164. Retrieved from <http://www.redalyc.org/articulo.oa?id=309326698002>

Safatle, V. (2011). O que é uma normatividade vital? Saúde e doença a partir de Georges Canguilhem. *Scientle Studia*, 9(1), 11–27. <https://doi.org/10.1590/S1678-31662011000100002>

- Sander, J. (2010). A Caixa De Ferramentas De Michel Foucault , a Reforma Psiquiátrica e Os Desafios Contemporâneos. *Psicologia & Sociedade*, 22(2), 382–387.
- Santos, L. T. V. (2015). A relação intrínseca entre doença mental e moral sob a ótica de Michel Foucault. *Revista Científica Semana Acadêmica*, (2009), 1–10.
- Silva, M. M. (2008). *A Saúde Mental e a Fabricação da Normalidade: Uma Crítica aos Excessos do Ideal Normalizador a Partir das Obras de Foucault e Canguilhem*. 12(1), 141–150.
- Silva, T. C., & Amazonas, M. C. L. de A. (2016). A pesquisa como acontecimento político: Foucault, práticas de governamentalidade e cuidado-de-si em psicologia da saúde. *Anais Do II Encontro Internacional de Estudos Foucaultianos: Razão Política e Acontecimento*, 2, 1–14.
- Silveira, L. (2018). A psicologia é sua própria crise? Sobre o sentido epistemológico da presença da filosofia no cerne da psicologia moderna. *Fractal: Revista de Psicologia*, 30(1), 12–21. [https://doi.org/https://doi.org/10.22409/1984-0292/v30i1/1454](https://doi.org/10.22409/1984-0292/v30i1/1454)
- Tardivo, L. C., Salles, R. J., & Filho, L. G. (2013). Uma proposta de formação do psicólogo em saúde mental: ensino, pesquisa e intervenção. *Educação, Sociedade & Culturas*, 39, 79–99. Retrieved from [https://www.fpce.up.pt/ciie/sites/default/files/06.LeilaTardivo\\_etal.pdf](https://www.fpce.up.pt/ciie/sites/default/files/06.LeilaTardivo_etal.pdf)
- Vasconcelos, E. (2004). Mundos paralelos , até quando? Os psicólogos e o campo da saúde mental pública no brasil nas duas últimas décadas. *Clio-Psyché - Histórias Da Psicologia e Do Brasil*, 1, 108–134.
- World Health Organization. (2017). Depression and other common mental disorders:

global health estimates. *World Health Organization*, 1–24. <https://doi.org/CC BY-NC-SA 3.0 IGO>